Isso não é sobre animais | Bruna Eduarda Fernandes Pereira

I) A coruja-bolha

Havia uma coruja com uma bolha dentro de si.
Invisível aos outros, mas densa o suficiente para ocupar todo o galho.

Durante a noite, ela observava.
O mundo girava abaixo, barulhento demais para ouvi-la.
Tentava abrir as asas, mas a bolha envolvia penas, bico e respiração.

Não tinha medo do voo.
Era o peso de tudo o que via e nunca dizia.

Quando o dia chegava,
ela permanecia imóvel,
olhos abertos,
esperando que alguém percebesse
o volume invisível ao redor de si.

II) A preguiça de olhos caídos os mantém abertos

Para uma preguiça é normal sentir os olhos pesados independentemente do horário, mas não aquela preguiça em especial.

Seus olhos são caídos, como os de todas as preguiças. Mas curiosamente, essa preguiça esquisita mantém seus grandes olhos abertos se recusando a ceder e perder para a escuridão que há no sono.

Um sono que é inevitável e atinge a todas as preguiças, mas nenhuma delas parece ter forças o suficiente para tentar evitar esse destino.

Dias e dias se passaram, estações mudaram, flores nasceram e murcharam e lá estava ela, com seus olhos abertos olhando o horizonte e se deparando com a neve.

Nunca tinha visto aquela superfície branca porque passou a vida toda com os olhos fechados. Esse era o tipo de coisa que ela só ouvia falar e era quase como algo inventado, mas ali estava tão branca e fria como poderia ser.

Naquele instante, seus olhos pesaram como de costume, mas dessa vez, se sentia leve o suficiente para se permitir (e ela por fim cedeu).

A preguiça de olhos caídos os mantém abertos a tempo demais e está na hora de fechá-los, mas isso não precisa ser algo ruim.

Viu a neve, o amanhecer e o anoitecer dia após dia, até perder as contas e no final, tudo valeu a pena.

III) Sinto muito, mas essa lagarta não se torna uma borboleta

Há pouco tempo atrás, havia uma pequena lagarta se alimentando de uma folha já velha e ressecada, mas quem se importa? Ela já se alimentou de coisas piores e não tem nada pior do que não comer.

A vida da lagarta tem sido assim desde que era uma pequena lagartinha: se contentava com pouco e ainda se sentia muito grata por isso. Ela aprendeu muito cedo que, quanto mais útil fosse, mais as borboletas gostariam dela, mas a que custo?

Esse tempo todo, a lagarta só sente seu corpo muito pesado de carregar tantas pedras para os outros, e são tantas e tantas que a deixam fraca e sem forças, quase como uma lagartinha recém-nascida, frágil e indefesa.

A lagarta tem se preparado e sonhado, dia após dia, no momento em que se tornaria uma borboleta como todo mundo, mas esse dia nunca vem (ele nunca virá), mas ela não sabe disso e, como sempre, continua esperando e desejando com todas as suas forças a realização de seu desejo.

Eu acho que sentiria muito por ela, mas a lagarta nem percebe que não é igual às borboletas porque ela não é do mesmo tipo. Ela é só uma lagarta comum (nem todas são borboletas), mas ela vive nessa ilusão, e quem vai tirá-la? Não farei isso; ela continuará a sonhar e se dedicar por algo que não virá.

Sinto muito, mas essa lagarta não se torna uma borboleta, não porque ela não tenha todos os atributos para ser uma, mas falta o principal: ela não vê as asas dentro de si, porque a fragilidade de seu corpo não permite formar um casulo (não enquanto ela dedicar todas as suas energias para as borboletas), mas, como disse, ela não sabe (ela nunca sabe), e o tempo vai passando, e as estações mudando, e tudo permanece.

IV) O camaleão mudou demais (quem ele é?)

Em um glorioso jardim, um camaleão se desloca.
As cores estão mudando em todo lugar que toca.
Azul como o céu iluminado pela estrela, os dias em um mar de tristeza.
Rosa do amor que se transforma em dor.
Vermelho é tudo o que vejo no reflexo d'alma no espelho.
Amarelo para que não esqueça do que é belo.
Nessa transição, eu me perco nessa doce/dolorosa canção.
Quem já fui ou quem serei, só sei que mais um dia viverei e sabe Deus quem me tornarei.
Nessa estrada da vida e com tudo o que se lida.
Sigo mudando e talvez isso seja tudo o que é preciso para viver no mundo.